



## Dificuldades de escrita em Língua Materna L1 e Língua Estrangeira L2: notas introdutórias

## Difficulties of writing in Mother Tongue L1 and Foreign Language L2: introductory notes

José Geovânio Buenos Aires Martins<sup>1</sup>

Maria Greuvânia Buenos Aires Martins<sup>2</sup>

*"[...] nas sociedades letradas, ser alfabetizado é insuficiente para vivenciar plenamente a cultura e responder às demandas de hoje".*

*Magda Soares (2000).*

### RESUMO

Este artigo visa discutir a importância da escrita para o desenvolvimento pleno do aluno/estudante de L1/L2, e, conseqüentemente, com isso, ter-se à inserção deste aluno no mercado de trabalho, pois a escrita é condição sumária para à inclusão do aluno/estudante no mundo midiático e/ou profissional. Ela, a escrita é responsável pelo sucesso em nível acadêmico, foco principal deste estudo, portanto a escrita vai mais além, ela é mola propulsora para o desenvolvimento profissional. O artigo focaliza, especialmente, a questão da dificuldade de escrita em sala de aula de L1 e L2, sustentando suas ideias para uma quebra de barreiras em torno do processo de escrita em sala de aula de L1 e L2, em Brasil (2006), Fernandes; Paula (2012), Martins (2017) e Squarisi; Salvador (2009).

**Palavras-chave:** Desenvolvimento. Escrita. Língua Materna. Língua Estrangeira.

### ABSTRACT

This article discusses the importance of writing for the full development of the pupil/student of L1/L2, and, consequently, with it, to-himself have the insertion of students in the labor market, since the writing is condition brief for the inclusion of the pupil/student in the media space and / or professional. Her, writing is responsible for the success in academic level, main focus of this study, so, the writing goes further, she is spring driving for professional development. The article focuses, especially, the issue of the difficulty of writing in classroom of L1 and L2, sustained their ideas for breaking down barriers around the writing process in classroom of L1 and L2, in Brasil (2006), Fernandes; Paula (2012), Martins (2017) and Squarisi; Salvador (2009).

**Keywords:** Development. Writing. Mother Tongue. Foreign Language.

---

<sup>1</sup> Licenciado em Letras Português pela Universidade Federal do Piauí-UFPI (2010); Especialista em Docência do Ensino Superior pela Faculdade Evangélica Cristo Rei-FECCR (2015); Especialista em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Estrangeira pelo o Centro Universitário Internacional UNINTER (2016); Especialista em Organização do Trabalho Pedagógico – Orientação Educacional, Supervisão e Gestão Escolar pelo o Centro Universitário Internacional UNINTER (2016). Atualmente é Professor Pesquisador na área de Educação e Tecnologias Educacionais. E-mail (geovaniofecr@gmail.com).

<sup>2</sup> Licenciada em Normal Superior pela Universidade Estadual do Piauí-UESPI (2011); Licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Piauí-UESPI (2013); Especialista em Docência do Ensino Superior pela Faculdade Evangélica Cristo Rei-FECCR (2015). Atualmente é Professora alfabetizadora e pesquisadora na SEME – Picos-PI. E-mail (marygreu@gmail.com).

## 1 INTRODUÇÃO

Escrever nunca foi tarefa fácil. Inclusive, em pleno século XXI, continua sendo objeto de estudo de linguistas, pesquisadores, psicopedagogos, professores de L1, professores de L2 e estudiosos interessados no tema em discussão; o domínio da escrita tornou-se uma exigência deste novo século, quem afirma é Squarisi; Salvador (2009, p. 9):

Escrever está na moda. As novas tecnologias de comunicação, quem diria, ressuscitaram o valor da escrita. [...] Estudante não entra na faculdade se falhar na redação. Nunca se precisou tanto da escrita quanto agora.

As palavras de Squarisi e Salvador, mostram o valor que a escrita ganhou nesta nova era – denominada por muitos estudiosos e pesquisadores como era tecnológica. A verdade, é que a escrita não perdeu o seu valor; mesmo na era robótica, tecnológica, informatizada e, dentre vários outros adjetivos, quer se possa denominar este novo tempo, a escrita continua sendo necessária para à ascensão acadêmica, intelectual, profissional, etc.

Além disso, a escrita é condição fundamental, para que o aluno/estudante, cidadão contemporâneo, possa ultrapassar barreiras, pois as novas tecnologias da informação e comunicação, não suplantou a escrita, como muitos acreditavam em seus juízos de valores, pelo contrário, a escrita é cada vez mais usada em virtude da celeridade de informações em redes de comunicação aberta. Deste modo, o homem moderno, precisa ter domínio do código linguístico em L1 e L2, esta última, mais uma nova exigência do século XXI, por outro lado, Mulik (2012 apud MARTINS, 2017, p. 18), em estudo recentemente publicado na **Revista Eletrônica de Línguas e Literaturas Estrangeiras (Babel)**, afirmam que: o domínio de uma segunda língua, em especial, o domínio do código linguístico, com toda a certeza, ganhou destaque em solo brasileiro desde o “Brasil Colônia”.

Dessa forma, o objetivo central deste estudo é compreender que escrever não é um dom, uma arte. É nessa perspectiva também que se busca, no estudo aqui apresentado, apontar fatores que justifiquem a importância da escrita como tarefa prazerosa, investigando-se, assim, os estigmas de que escrever não é tarefa fácil.

Essa intenção é justificável, uma vez que não é mais possível pensar na escrita como sendo algo benévolo do espírito.

Ainda assim, muitos são os mitos que cercam a psique de nossos pupilos regularmente matriculados em L1 e L2; o professor de L1 e L2, precisa estar preparado para responder aos anseios dos alunos do Ensino Básico, pois escrever e escrever com erudição é condição “**sine qua non**” que se aplica aos que concluíram o Ensino Básico.

O estudo foi realizado através de uma inspeção documental, consultando-se, para tanto, os principais escritores ao conteúdo investigado. Acrescentando-se que, Severino (2007, p. 122), diz que:

A pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses, etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos.

Enfim, optamos por revermos os subsídios dos seguintes autores: Antônio Joaquim Severino, Brasil, José Geovânio Buenos Aires Martins, além de outros escritores que abordam a asserção.

Por último, importa clarificar que este tratado acadêmico foi dividido em três pontos principais: primeiro é apresentado os antecedentes de L1 e L2; em seguida, aponta-se, como se faz para desenvolver a habilidade escrita em Língua Materna; e, por fim, será apresentado os indicativos de como se escrever bem em qualquer Língua Estrangeira.

## **2 ANTECEDENTES**

Falar da dificuldade de escrita em aulas de L1 e L2, é fazer primeiramente um passeio pela história do desenvolvimento desta escrita.

E, neste sentido, Fernandes; Paula (2012, p. 17), informam que o desenvolvimento da escrita, representa um avanço significativo para a história do desenvolvimento das sociedades modernas; foi uma história de superação das culturas ágrafas<sup>3</sup>.

Sendo assim, fica claro que os nossos ancestrais nem sempre dominaram a linguagem escrita. Ao passo que, Fernandes; Paula (2012, p. 17), afirmam: as relações comerciais impulsionaram o desenvolvimento da linguagem escrita, não a linguagem escrita que hoje conhecemos, porém símbolos, símbolos que serviam de registro para as negociações comerciais da época.

---

<sup>3</sup> Não tem o domínio da escrita. (Fonte: Dicionário Informal).

Analisando, portanto, o contexto histórico, o entendimento a que se chega é que os nossos ancestrais, preocupados com a expansão dos negócios e/ou relações comerciais desenvolveram um código, hoje, aperfeiçoado e denominado de escrita.

Portanto, citando Fernandes; Paula (2012, p. 17), pode-se afirmar que o desenvolvimento dos símbolos anteriormente citados, e atualmente aperfeiçoados e denominados de linguagem escrita, não é uma atividade recente, pelo contrário, surgiram bem antes de Cristo. Um exemplo disso de acordo com as mesmas autoras, seria o caso da escrita cuneiforme<sup>4</sup>.

Contudo, Fernandes; Paula (2012, p. 18), observam em seu estudo, que a escrita cuneiforme não se caracteriza ao longo do desenvolvimento da linguagem escrita, como um alfabeto. O alfabeto em si, só se desenvolve segundo Fernandes; Paula (2012, p. 18), “[...] com a intervenção grega na escrita fenícia, distinguindo consoantes e vogais que puderam, então, ser articuladas em sílabas”.

O processo de desenvolvimento de uma linguagem escrita e conseqüentemente do alfabeto, não é uma história para ser apagada. Essa história merece destaque no cenário acadêmico, pois o homem moderno só consegue registrar seus pensamentos por que existe uma linguagem escrita.

E dando continuidade a esse processo de investigação, Fernandes; Paula (2012, p. 18), chamam à atenção dos escritores e/ou leitores brasileiros de modo especial, porque a escrita fenícia, não contribuiu para o desenvolvimento da nossa escrita e/ou alfabeto; o nosso sistema de escrita descende do latim.

Fernandes; Paula (2012, p. 18), também afirmam que, a linguagem escrita que o povo brasileiro desenvolve atualmente, já era uma linguagem utilizada no século VII a.C, pelo povo romano.

Enfim, o desenvolvimento da linguagem escrita é o que garante à continuidade dos registros históricos que se perpetuam ao longo dos séculos, e que, jamais, pode ser negado, pois a linguagem escrita garante a conservação do passado através de suas anotações aos seus semelhantes e/ou descendentes.

### **3 DESENVOLVENDO A HABILIDADE ESCRITA EM LÍNGUA MATERNA**

---

<sup>4</sup> Símbolos registrados com uma cunha em placas de argila. (Fonte: Fernandes; Paula).

Como apontado na introdução, escrever nunca foi tarefa fácil. Por outro lado, algumas pessoas se destacam no desenvolvimento de produções bibliográficas. Portanto, seria o ensino de Língua Materna oferecido no nosso país deficitário!?

À essa pergunta, Fernandes; Paula (2012, p. 58), esclarecem que o desenvolvimento da habilidade escrita em Língua Materna não acontece, porque os professores de L1 estão acostumados ao tradicional ensino de L1.

Entretanto, o que vem a ser um ensino de L1 tradicional?

Fernandes; Paula (2012, p. 58), apontam como ensino tradicional de L1, àquele voltado à prática do ensino de aspectos gramaticais de uma determinada língua.

Trabalhar, portanto, apenas os aspectos gramaticais de L1, não garante o desenvolvimento da habilidade escrita, melhor não forma escritores capazes de usarem o seu próprio código, para a comunicação em linguagem escrita.

O papel da escola e dos professores de L1, não é formar grandes escritores. Inclusive, Brasil (2006, p. 5), afirma:

A qualidade da escola é condição essencial de inclusão e democratização das oportunidades no Brasil, e o desafio de oferecer uma educação básica de qualidade para a inserção do aluno, o desenvolvimento do país e a consolidação da cidadania [...].

Em vista disso, a escola precisa formar com qualidade, porém não é papel da mesma formar grandes escritores. A escola e os professores de L1, têm um papel de destaque na construção da cidadania do aluno/estudante do Ensino Básico, e os profissionais docentes de L1 em especial, pois o desenvolvimento da leitura e, conseqüentemente, da escrita, habilita este aluno do Ensino Básico ao desenvolvimento em outras áreas do conhecimento.

Muitos são os fatores que contribuem para o desenvolvimento prazeroso da habilidade de escrita em L1. São eles.

O primeiro deles segundo, Fernandes; Paula (2012, p. 64), é que o professor de L1, não deve usar suas aulas, para formar grandes escritores, porém formar cidadãos competentes para uso do seu próprio código.

Saber usar o próprio código, já é suficiente para que este indivíduo, aluno/estudante, se desenvolva academicamente.

O professor de L1, não deve formar grandes escritores; quem domina linguisticamente de forma competente o seu próprio código; pode tornar-se um grande escritor, um grande filósofo, um grande teólogo, etc.

O professor de L1, forma linguisticamente, porém quem decide que rumo tomar, após o domínio competente do seu próprio código, é o próprio aluno oriundo do Ensino Básico, ou seja, o professor de L1, ensina o aluno/estudante do Ensino Básico a ter domínio do seu próprio código, e ele, decide o que fazer linguisticamente com esta habilidade de escrita.

Segundo, é preciso de acordo com, Fernandes; Paula (2012, p. 68), que o professor habilite primeiro o aluno/estudante de L1, ao desenvolvimento oral de L1; não se pode exigir do aluno/estudante competência na linguagem escrita, se este aluno ainda não domina a linguagem oral.

Terceiro, de acordo com Fernandes; Paula (2012, p. 69), o professor de L1, precisa estimular o aluno de L1 a escrever, pois só se desenvolve a habilidade de escrita praticando.

O professor de L1 também precisa ter ciência que nenhum grande escritor foi e/ou é um gênio, pelo contrário, muitos se querem acreditavam na sua capacidade de linguagem escrita. O papel do professor de L1 é decisivo para o desenvolvimento da habilidade escrita de seus alunos; estimular é a palavra de ordem. O professor de L1, que não estimula seu aluno a escrever não contribui para o desenvolvimento da linguagem escrita deste aluno.

Quarto, novamente parafraseando Fernandes; Paula (2012, p. 69), o professor de L1, não pode usar o erro do aluno, para mostrar sua autoridade docente perante a turma; uma situação dessas desmotiva o discente, pior pode gerar um abandono discente.

Muitos são os problemas encontrados pelos professores de L1 para o desenvolvimento da linguagem escrita, e esse estudo não dá conta de elencar todos eles, em vista disso, deu uma atenção especial aos principais, buscando, com isso, apresentar estratégias para que o discente do Ensino Básico não se sinta limitado diante da atividade de produção escrita.

E, como vimos, o maior problema está dentro da sala de aula, pois o professor de L1 precisa quebrar muitos estigmas relacionados à capacidade de produção em L1, já

que não é função deste professor formar grandes escritores; dominar o código linguístico sim. Essa é sua tarefa essencial na condição de professor.

Entende-se então que a maior dificuldade de desenvolvimento da linguagem escrita em L1, esteja relacionada à formação deficitária do professor de L1, que ao invés de estimular o seu aluno a escrever, busca erros de gramática, verifica concordância, pontuação, e acaba esquecendo daquilo que o aulista tentou transmitir através do seu texto escrito.

O papel do professor em L1 é o de facilitador, não de corretor de aspectos internos e/ou de ligação dentro da Língua Materna.

Fernandes; Paula (2012, p. 70), propõem ainda que o professor de L1, não atribua uma nota já na primeira fase de desenvolvimento do texto de seu aluno; indicar os erros e devolver ao aluno o seu texto é o caminho correto, para que assim, o aluno possa ter a chance de corrigir os seus próprios erros; nada de pensar em uma nota, logo no primeiro contato com o texto do discente.

A proposta anteriormente apresentada visa estimular o aluno/estudante ao desenvolvimento da sua linguagem escrita; nenhum aluno sentirá prazer em desenvolver um texto em L1, se este não for valorizado pelo o seu professor.

Sendo assim, pode-se afirmar que a repulsa de alunos/estudantes do Ensino Básico, pela linguagem escrita está associada ao exagero que alguns professores adotam na hora da correção. Sendo os aspectos gramaticais supervalorizados.

Contudo, não é uma premissa dos autores deste artigo, criticar nenhum professor de L1, mas apontar os principais erros cometidos por estes na docência de L1, visando com isso, aulas receptivas, produção em massa e valorização da linguagem escrita como atividade prazerosa. Porém, por outro lado, não se pode negar que os alunos do Ensino Básico Brasileiro encontram dificuldades para produzirem na sua própria língua, assim sendo, o presente estudo apontou os caminhos para uma boa produção em L1.

#### **4 ESCRREVENDO EM LÍNGUA ESTRANGEIRA**

Se escrever na Língua Materna, já não é tarefa fácil no âmbito educacional da sala de aula brasileira. Induzir o aluno a escrever em uma Língua Estrangeira Moderna é mais difícil ainda.

Contudo, o fascínio que o discente apresenta pela disciplina de L2 o faz esta barreira, ser quebrada. O aluno do Ensino Básico apresenta um gosto exacerbado pela disciplina de L2; a experiência com o novo, o domínio de um novo idioma, tem sido fatores determinantes, para que o desenvolvimento da linguagem escrita em L2 se torne mais atrativo e, conseqüentemente, com isso, o professor de L2, não encontrará tantos obstáculos para o desenvolvimento de produções escritas em L2.

Por certo, o professor de L2, precisa ter alguns cuidados e, que dentre estes cuidados; se destaca as correções gramaticais da língua estudada; aspectos gramaticais precisam ser corrigidos. Porquanto, o foco deve estar na capacidade de desenvolvimento da linguagem escrita em L2.

E, parafraseando Brasil (2006, p. 87), pode-se afirmar que este documento focaliza para o ensino de L2, que dentre tantos outros aspectos; o desenvolvimento da linguagem escrita.

O desenvolvimento da linguagem escrita em L2, não é algo isolado; o professor de L2, portanto precisa incentivar o aluno a argumentar em L2, caso contrário, esse professor de L2, não está contribuindo para o desenvolvimento da linguagem escrita em L2, sendo o desenvolvimento da linguagem escrita, tema de interesse dos vários documentos que versam sobre o ensino de Línguas no Brasil, e, que dentre eles: **Orientações Curriculares para o Ensino Médio – Conhecimentos de Línguas Estrangeiras**; é um destaque. Não, o único.

Quando se fala, portanto no desenvolvimento da linguagem escrita, a disciplina L2, não passa despercebida.

Pode-se afirmar, portanto que: “[...] a escrita também está presente no cotidiano daqueles que fazem parte de uma sociedade letrada. Escrevemos todos os dias, em diferentes contextos, para atingirmos diversos fins”. (FERNANDES; PAULA, 2012, p. 129).

É esse, portanto, o objetivo, que o professor de L2 precisa ter. Escrever em L2 é fundamental, assim como, em L1; vivemos em uma sociedade interligada em redes, redes que levam informações passíveis de compartilhamento em tempo real entre seus usuários, portanto esses mesmos consumidores precisam dominar a linguagem escrita, para uma comunicação eficiente.



O desenvolvimento da linguagem escrita em L2 neste novo século faz-se necessário, pois nossos alunos estão cada vez mais conectados através da internet e seus dispositivos. A troca de informações, o intercâmbio entre os diferentes povos, empurra o professor de L2, para o desenvolvimento de aulas que garantam a comunicação oral e escrita.

#### **4.1 Por que o professor de Língua Estrangeira precisa desenvolver a linguagem escrita de seus alunos? E quais estratégias se pode utilizar?**

Para o primeiro questionamento, existem inúmeras respostas. E, baseando-se em Fernandes; Paula (2012, p. 133), têm-se as seguintes razões:

- a. para poder comunicar-se a distância com pessoas que não falam a nossa língua;
- b. para se dá bem em avaliações escritas e/ou orais, situação comumente exigida em cursos de idiomas, seleção de mestrado, doutorado, etc;
- c. para fazer um intercâmbio;
- d. para conquistar uma vaga de trabalho em empresas internacionais;
- e. para ser fluente em L2.

Muitas são as particularidades para o aprendizado da linguagem escrita em L2, esse estudo, não aborda todas as vantagens, ele mostra apenas, aquelas que mais se faz presentes no discurso de alunos e professores de L2.

Ensinar não é uma tarefa fácil, e ensinar uma Língua Estrangeira exige do professor conhecimento, assim como, se exige do professor de L1, portanto, para que o professor de L2 concretize seus objetivos; desenvolva a linguagem escrita, aqui vão algumas dicas.

A primeira delas de acordo com Fernandes; Paula (2012, p. 136), é que o professor de L2, precisa conhecer o nível de leitura de seus alunos; escrever exige leitura.

Fernandes; Paula (2012, p. 137), também afirmam que o aluno de L2, que lê mais, sempre vai mostrar maior desenvolvimento na linguagem escrita.

Entende-se então que leitura e escrita devem andar juntas. O professor de L2 que deseja ter alunos proficientes em linguagem escrita, precisa encorajar primeiro a leitura.

A próxima dica segundo Fernandes; Paula (2012, p. 137), diz respeito à escrita como processo; este modelo de desenvolvimento da linguagem escrita em L2 prevê que o discente redija seu texto em fases.

Diante disso, essas fases foram divididas em quatro estágios, conforme Tribble (1997 apud FERNANDES; PAULA, 2012, p. 137). À primeira fase foi denominada de pré-escrita; à segunda fase de rascunho; à terceira fase de revisão; e, à quarta e última fase segundo estes mesmos pensadores; foi denominada de edição. Inclusive, cada uma dessas etapas têm uma importância significativa para o desenvolvimento da linguagem escrita em L2.

Por certo, a primeira fase é importante não somente para o discente, mas para o professor de L2, em especial. Essa é a fase que o professor oferece uma proposta de desenvolvimento de um tema; o aluno desenvolve seu texto; o professor corrige e devolve ao aluno para que esse possa refazer seu texto. O objetivo dessa fase não é uma nota somente. Em outras palavras, o aluno é levado a produzir a partir de uma proposta dialogada, ou seja, o discente é incentivado a desenvolver a linguagem escrita a partir de uma proposta clara, onde o professor não será o único leitor de seu texto.

Contudo, a fase da pré-escrita apresenta falhas. De mais negativo, no entanto, está o tempo que o professor de L2 não terá para desenvolver esse tipo de proposta, pois sua carga-horária é reduzida, por outro lado, o professor tem outros objetivos a cumprir na docência de L2, embora a proposta uma vez posta em prática trará bons resultados.

Posteriormente, a segunda fase designada de fase do rascunho, tem o aluno como peça-chave. Nessa fase o aluno escreve, analisa e depois disso o professor emite seu parecer devolvendo o rascunho do texto produzido ao discente, para que o mesmo possa: acrescentar, alterar e melhorar sua linguagem escrita.

Inegavelmente, a segunda fase tem uma relação parental com a primeira, a diferença está na centralidade dessa fase, cuja centralidade é o aluno.

Já, à terceira fase, também titulada de fase de revisão, é uma fase centrada no discente e no professor. O fato é que, o professor já havia apresentado sua proposta e o aluno escrito seu rascunho, em outras palavras, o professor já deve ter lido e devolvido com sugestões o texto produzido pelo discente para que se alcance o resultado desejado, por isso, essa fase é conhecida como etapa de revisão.

Sem dúvida, a fase de revisão é uma fase, para que o aluno juntamente com o professor possa melhorar a linguagem escrita, objetivando a circulação desse texto, e, conseqüentemente, o desenvolvimento da linguagem escrita dos discentes.

Em se tratando da quarta fase, igualmente conhecida como fase da edição de acordo com Fernandes; Paula (2012, p. 138), acrescenta-se que, o aluno tendo cumprido as fases anteriores, o mesmo, pode:

- a. decidir que informações manterá;
- b. acrescentar, melhorar dados;
- c. ler o texto final e trocar alguma informação que esteja comprometendo o sentido do texto e/ou prejudicando sua compreensão.

Tendo-se assim definido, de modo aproximado, as quatro fases para o progresso da linguagem escrita em L2, certamente, apontou-se soluções para que o aluno sintasse encorajado a escrever na Língua Estrangeira estudada em sala de aula.

Importa aprofundar que o professor de L2 é responsável por incentivar seu aluno a escrever na Língua Estrangeira estudada na Escola Regular. Nesse sentido, é importante ressaltar que as estratégias descritas acima, não se aplicam ao ensino de L1.

Em suma, como vimos até aqui, o professor de L2 precisa encorajar o aluno a escrever na Língua Estrangeira estudada em sala de aula, pois somente assim, o aluno tornar-se-á fluente na linguagem escrita.

Fernandes; Paula (2012, p. 139), também mencionam que o professor de L2, também pode desenvolver a linguagem escrita a partir de atividades comunicativas e não comunicativas. Um exemplo de atividade não comunicativa, parafraseando novamente Fernandes; Paula (2012, p. 139), seria uma atividade em que o professor de L2 pedisse para que o aluno descrevesse o seu próprio quarto/sala de estudos em detalhes, e usando para esse tipo de atividade um verbo específico. Diante dessa situação, a atividade comunicativa se difere da não comunicativa, por ter segundo Fernandes; Paula (2012, p. 140), um público que interage diretamente com o autor do texto.

Além disso, tendo como base a atividade comunicativa o aluno escreve de acordo com Fernandes; Paula (2012, p. 140), levando-se em consideração: o contexto, um interlocutor, um objetivo específico e a função a ser exercida pelo próprio aluno no desenvolvimento da linguagem escrita, ou seja, o aluno é levado a pensar em situações da vida real, pois seu texto deverá ser lido não apenas pelo professor de L2.

Inclusive, muitas são as possibilidades de desenvolvimento da linguagem escrita em L2. E, conforme, Fernandes; Paula (2012, p. 141), a escrita por intermédio de atividades controladas tem sido cada vez mais trabalhada em sala de aula.

Fernandes; Paula (2012, p. 141), também dizem que, para o professor de L2 desenvolver esse tipo de atividade, ele precisa incluir em suas aulas:

- a. manipulação de frases;
- b. prática de escrita a partir de outros textos em L2;
- c. textos inacabados em L2 e sugerir que o aluno conclua;
- d. escrever cópias em L2.

Neste estudo procurou-se deixar claro, sob um ponto de vista histórico que muitas são as estratégias que o professor de L2 pode adotar em suas aulas, para assim, garantir o desenvolvimento da linguagem escrita.

Por fim, importa esclarecer que este estudo apresentou apenas algumas estratégias, não todas. Com isso, cabe a você professor de L2 continuar pesquisando sobre o assunto, e incentivar cada vez mais seus alunos ao desenvolvimento da linguagem escrita dentro e fora de sala de aula, pois se dominamos a linguagem oral, logo somos capazes de dominar a linguagem escrita.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pesquisa realizada demonstrou que “a dificuldade de escrita” que os alunos do Ensino Básico apresentam em Língua Materna e Língua Estrangeira, é fruto de uma questão cultural presente nas escolas do nosso país, pois acredita-se que escrever seja um dom, uma arte. Portanto, essa afirmação não passa de um mito porque escrever nunca foi um dom, uma arte, visto que, escrever exige leitura e prática.

Também o professor de L2, assim como, o professor de L1, deverá mostrar aos seus alunos de Língua Materna, bem como, os de Língua Estrangeira, que qualquer pessoa letrada pode escrever, e escrever bem. Basta exercitá-lo. Escrever, como já apontado no referido estudo é uma prática. E quanto mais o aluno praticar, maior facilidade ele terá no desenvolvimento da linguagem escrita.

Não basta apenas, o professor de L1 e L2 sugerir estratégias para o desenvolvimento da linguagem escrita, pois sem a prática do exercício da escrita, o aluno de L1/L2, não irá desenvolver sua linguagem escrita.

Considerando ainda que a linguagem oral é intrínseca ao ser humano, quando em contato com sua família e/ou outros povos, logo a linguagem escrita também pode ser desenvolvida por todos. Escrever é argumentar, e argumentar na linguagem oral todo ser

humano desde que não apresente deficiência de fala e/ou deficiência física consegue realizar uma defesa/argumentação, portanto na linguagem escrita não seria diferente.

No entanto, sugere-se que outras pesquisas sejam feitas, pois o desenvolvimento da linguagem escrita, não é tema de interesse da Língua Materna e/ou Estrangeira somente. O desenvolvimento da linguagem escrita colabora para a evolução acadêmica do aluno regularmente matriculado no Ensino Básico, porque o aluno que não consegue transpor para o papel ou plataforma digital suas experiências, dificuldades, emoções, registros, etc., no mínimo é um discente condenado ao fracasso escolar.

Conclui-se, portanto, que este artigo de revisão, e que leva em consideração a larga experiência dos autores deste artigo, não deve e nem pode ser encerrado por aqui, pois como vimos ao longo do desenvolvimento desse estudo, infelizmente, nossos alunos escrevem cada vez menos. Inclusive, os professores de L1 e L2 deverão dar menos atenção aos aspectos normativos das Línguas estudadas em sala de aula, visto que, precisamos ultrapassar, portanto os limites culturais presentes em aulas de L1 e L2, uma vez que, o objetivo seja desenvolver a linguagem escrita.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Linguagens, códigos e suas tecnologias. **Orientações curriculares para o ensino médio**. Secretaria de Educação Básica, Brasília: Ministério da Educação, 2006. p. 239, v. 1.

FERNANDES, Alessandra Coutinho; PAULA, Anna Beatriz. **Compreensão e produção de textos em língua materna e língua estrangeira**. Curitiba: Intersaberes, 2012. (Coleção Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Estrangeira, v. 5).

MARTINS, José Geovânio Buenos Aires. A docência da língua estrangeira: da inclusão no currículo escolar aos processos metodológicos de aprendizagem. **Babel: Revista Eletrônica de Línguas e Literaturas Estrangeiras**, v. 7, n. 1, p. 15-27, jan/jul. 2017. Disponível em: < <https://www.revistas.uneb.br/index.php/babel/article/view/3149/2356>>. Acesso em: 14 nov. 2017.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SQUARISI, Dad; SALVADOR, Arlete. **A arte de escrever bem: um guia para jornalistas e profissionais do texto**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

*Recebido em: 15/11/2017*  
*Aprovado em: 02/12/2017*

